

O HOMEM, O MUNDO E A VIDA

A vocação para escrever e transmitir ideias, percepções e sentimentos são atos de partilha. Comunhão e sentido da interação de uns com os outros. O mundo criativo e inesgotável das ideias pressupõe liberdade, heterogeneidade, convergência, divergência e questionamento. Dons e atributos legados por Deus. Geram opções que definem os rumos de cada homem. Eis, segundo o padre Teilhard de Chardin, acordes de uma sinfonia interminável. Essência da exortação de Goethe: Mais luz!

O escritor, o artista, o jornalista, o cientista em qualquer ramo do conhecimento, todos, por toda a vertente dos tempos, podem impulsionar a racionalidade, a imaginação, as emoções, os ideais e as esperanças. Tudo semear no coração e na consciência dos homens. A experiência de vida em cada pessoa, qualquer que seja o seu nível cultural, ou sua profissão, leva-nos a refletir, bem ou mal, correta ou equivocadamente, sobre o sentido da existência, das coisas e das circunstâncias.

“A vocação para escrever e transmitir ideias, percepções e sentimentos são atos de partilha” Paulo de Tarso sentenciou que em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também sua vida se manifeste em nosso corpo (2 Coríntios). A condição humana foi o leitmotiv de Thomas Edward Lawrence em Os sete pilares da sabedoria: eu a amei e por isso tomei em minhas mãos estas marés de homens e minha vontade nas estrelas pelo céu imprimir; a fim de ganhá-la, Liberdade, a casa digna dos sete pilares, para que seus olhos pudessem brilhar quando chegássemos.

Os homens não sonham da mesma forma. Há os que sonham à noite, no recôndito de suas mentes. Despertam ao amanhecer e descobrem que tudo não passava de ilusão. Os que sonham de olhos abertos: são os que inovam, revolucionam, enfrentam e constroem. Essa é também a percepção de André Malraux em A condição humana e em A esperança. Antoine de Saint-Exupéry dela compartilha em Piloto de Guerra. Amando e transformando, o homem é parte do mundo: Mas para nos reclamarmos de tais seres convém fundamentá-los em nós próprios. Desafio sem fim...

O crescimento do espírito dignifica as relações humanas. Eleva-as às dimensões civilizadas, onde predominam paz, harmonia e solidariedade. O homem não pode abdicar, ignorar ou sepultar seus anseios, que o encaminham à procura da felicidade. Nenhuma nação sobrevive sem cultura própria, valores, identidade. Não se pode destruir o legado de gerações passadas, que coexiste na alma e nos sentimentos dos que a fazem no presente. Nesse sentido, o tempo não se demarca nem se individualiza. A nação é uma entidade, um ser, uma alma intemporal, coletiva, que evolui, sem contraditar sua própria gênese, tudo quando a gerou e a formou. A nação está viva em cada membro da sociedade, nela identificando sua existência humana, histórica, política e cultural. Sonhos coletivos, que emergem da alma de cada um.

Curiosa e inexplicavelmente, essa questão suscita o que Stefan Zweig chamou de momentos supremos da condição humana. Lembro-me de alguns episódios, singulares e pessoais, que ressaltam o peso, a força, o vigor e o papel de intelectuais no aprimoramento espiritual, moral, ético e cultural da humanidade. Alcançaram dimensão universal e consagraram a identidade nacional dos seus personagens. Enriqueceram a individualidade de suas respectivas nações.

Foi o caso de Camões, sobrevivendo a um naufrágio no litoral do norte da África. Cego de um olho nadou com um só braço, pois no outro segurava os originais de Os Luzíadas. Obra-prima que delineou o ser da nação portuguesa, do mesmo modo que a Divina Comédia, de Dante Alighieri, conferiu personalidade mítica e mística, até hoje, à Itália. Sem

esquecer a dimensão universal de Dom Quixote de La Mancha, escrito por Cervantes em pleno cativoiro.

Em 1945, a obra-prima de Hermann Broch, A morte de Virgílio, desmascarou a infâmia de Stálin, ignorando, para eliminar, o espírito nacional austríaco. Hermann Broch foi opositor do nazismo desde 1934. Fugiu de um cárcere da Gestapo para os Estados Unidos (1938), com a roupa do corpo e os originais do seu livro, que se tornou um dos cânones da cultura universal. Quando se tenta aviltar e minimizar esse espírito nacional, no curso das distorções geradas pela globalização e pela desumanidade do fanatismo, da violência desenfreada, de ideologias arcaicas e superadas, do terrorismo sinistro e insano, não se pode esquecer a lição de Erasmo de Roterdã (Elogio da Loucura), prevendo que a humanidade iria harmonizar, um dia, a nação e a universalização. Premonição dos nossos dias e formulação do humanismo cristão. Legados vivos e vigorosos. Patrimônio de pensamento e vida das nações. Premissas da paz universal. A solidariedade sem fim. A gênese do futuro...

Fonte:

http://revistagestaopublica.com.br/site2/index.php?option=com_content&view=article&id=221:o-homem-o-mundo-e-a-vida&catid=73:artigos-junho-2012